

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 15

Rituais e Cerimónias



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1993

SEBASTIANISMO E ESOTERISMO
NA ARTE DO PROGNÓSTICO EM PORTUGAL
(SÉCS. XVII e XVIII)**

*"Ah quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da névoa e da saudade quando?
Quando, meu sonho e meu Senhor?"*

*"Grandes mistérios habitam
O limiar do meu ser,
O limiar onde hesitam
Grandes pássaros que fitam
Meu transpor tardo de os ver."*

*"Que símbolo final
Mostra o sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto."*

Fernando Pessoa ***

(*) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(**) O presente trabalho integra-se e completa-se na Tese de Mestrado em História Cultural e Política na Época Moderna, "Profetismo e Prognósticos Políticos nos secs. XVII e XVIII" (Coimbra, 1990).

(***) Os poemas acima transcritos integram, sucessivamente, as temáticas Sebastianista, Esotérica e a simbiose das mesmas. Afinal, um reflexo da longevidade, ainda que sob a forma literária, das referidas correntes.

1. No âmbito da investigação conducente a uma compreensão mais fundamentada dos prognósticos de carácter mágico-científico, ao longo da nossa Idade Moderna, tivémos forçosamente de fazer a sua integração numa ambiência profética mais lata, de características e origens diversas, mas com um sentido convergente de previsão do futuro mais ou menos longínquo. Se é sabido que a estrutura básica, da cultura europeia é profética e messiânica porque judaico-cristã, também é um dado adquirido, o enorme vinco traçado nessa cultura pelas doutrinas chamadas esotéricas.

Pensamos que em Portugal, tal como na Europa, a "arte" ou "ciência" de fazer previsões para o futuro tem origem na tradição hermética greco-latina e no neo-platonismo, bem como na tradição grega (por via pitagórica) com ligações ao cabalismo hebraico. Hoje, como ontem, misturam-se os conceitos de hermetismo, magia, esoterismo e ocultismo, havendo no entanto, um certo consenso, na sua ligação às histórias das religiões e do pensamento científico.

Por outro lado, o Apocaliptismo e o Milenarismo (já na versão joaquimita, proveniente de Espanha) encontraram no Portugal quinhentista terreno fértil à sua germinação e expansão. Afinal, o prosseguimento de uma onda profética que era Ibérica e Europeia.

Os prognósticos contemplam diversas áreas, procurando, provavelmente, dar resposta à multiplicidade de anseios de uma população diferenciada que os consumia — previsão de aspectos meteorológicos-práticos relacionados com a agricultura, previsão de catástrofes naturais, previsão de acontecimentos vários ligados ao destino individual e ao destino colectivo (saúde, doença, religião, conflitos sociais, guerra, alterações políticas, etc.).

Uma abordagem atenta da documentação, no período maneirista-barroco, permite pôr em evidência prognósticos de temática sebastianista (milenarista-joaquimita), prognósticos de carácter patriótico, prognósticos de tipo mágico-científico (ligações à alquimia, à cabala, à quiromancia, nigromancia, e a outras maneiras, sobretudo à Astrologia).

A profusão de documentação astrológica durante o séc. XVII e, principalmente, ao longo de todo o séc. XVIII, afigura-se-nos algo surpreendente, se atendermos quer aos novos desenvolvimentos da ciência astronómica quer ao racionalismo crescente, mas encontramos uma forte correlação com o fenómeno sebastianista que, no mesmo período, se manifesta intensamente através de numerosos testemunhos e de uma prodigiosa produção de manuscritos.

2. Não pretendemos fazer uma análise profunda do fenómeno sebastianista, percorrer todos os seus possíveis enquadramentos e complexidades, mas apenas salientar o seu sentido de previsão do futuro e procurar constatar as suas correspondências com outras formas de elaboração de prognósticos.

O mito sebástico, apesar de muito estudado, explorado e especulado, está longe de se poder considerar esgotado em todas as suas implicações. Provou-o recentemente José Veiga Torres, ao refutar primeiro as ideias românticas do séc. XIX, que consideravam o sebastianismo como um instrumento simbólico de uma Pátria frustrada nas suas ambições imperiais; depois, a leitura comprometida a partir dos finais do segundo decénio do séc. XX, no qual o messianismo nacional constituía uma reserva de virtudes colectivas ancestrais e continha um glorioso desígnio providencial impondo a regeneração da Nação, a reconstrução do império colonial e o cumprimento de uma missão ecuménica que daria a Portugal uma dimensão política privilegiada; finalmente, a visão mais generalizada do fenómeno como expressão da "alma de um povo que sublimava no irreal da esperança as suas decepções de vencido no real da existência" (1).

Para este autor, o sebastianismo, integrado na corrente joaquimita ibérica e europeia, "foi sempre uma resistência alarmada à transformação cultural e social do país. Resistência que foi eficaz. Funcionou como instrumento de integração social (cristãos-novos) numa zona da geografia social que era crítica sob as pressões económicas, políticas e culturais sobre ela exercidas. Funcionou como instrumento cultural autónomo de um clero sem fácil acesso a uma cultura racionalista de nível superior e como mecanismo de intervenção (contestação e resistência) na vida social e política. Significa a permanência de esquemas mentais arcaicos numa zona da população portuguesa que julgamos ser a das camadas médias, com influência nas camadas baixas, através do clero. Testemunha finalmente uma coesão e solidariedade de tipo nacionalista, por parte dessas camadas da população, que ajudou a reforçar" (2).

(1) J. S. da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, Lisboa, 1982, p. 274.

(2) V. Veiga Torres, "Fonction et signification sociologique du Messianisme Sebastianiste dans la société portugaise", Paris, Sorbonne, s. d.; "Um exemplo de resistência popular — O Sebastianismo", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 2, Set.-Dez. 1978; "O Tempo Colectivo Progressivo e a Contestação Sebastianista", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, nº 6, 1984.

O conteúdo dos vaticínios de carácter joaquimita-sebastianista apresenta-se bastante constante em relação ao reino messiânico desejado — uma sociedade de paz, amor e justiça, um reino universal de mil anos com a derrota definitiva da potência demoníaca. Entretanto, as variações são já significativas quando analisamos a personagem catalizadora da mudança, o contexto social, político e cultural que determina circunstancialmente a evolução da crença e a fundamentação teórica em que se apoiam os prognósticos.

Os primeiros reveses no Oriente e em África encontram eco nas trovas de Bandarra que profetiza a conquista de Marrocos, o Turco derrotado e o Império Universal. D. Sebastião é considerado o predestinado para a consecução dessas tarefas através, por exemplo, de Diogo de Teive, Frei Miguel dos Santos, Freire de Andrade e por Camões (3). "As circunstâncias estranhas e trágicas do seu desaparecimento favorecem a mitificação dessa personalidade e também porque as consequências políticas do seu desaparecimento sobressaltaram o nacionalismo das camadas sociais que esperavam o Encuberto" (4).

Ainda que esta personagem-chave se tenha mantido nas expectativas dos sebastianistas mais tradicionalistas, a Restauração dividiu a corrente profética, com o sentido do seu aproveitamento para atenuar as divisões sociais e "para cerrar fileiras de todo o povo à volta da nova dinastia dos Braganças" (5).

Manuel Bocarro Francês, alquimista e médico, astrólogo e matemático, "dá o exemplo deste oportunismo patriótico no poema Anacefaleosis da Monarquia Lusitana (1624) onde prediz o Império Universal sob égide portuguesa" (6). Na 4ª Anacefaleosis os prognósticos referem-se "ao duque D. Teodósio de Bragança, em que, sem grande esforço de imaginação, os leitores veriam apontado este príncipe como o esperado encoberto, o rei futuro e salvador do reino lusitano" (7).

Sob o patrocínio de Bandarra e com o impulso dos jesuítas,

(3) Lúcio Azevedo, *Evolução do Sebastianismo*, 2- ed., Lisboa, Clássica Editora, pp. 29-31.

(4) Veiga Torres, *Um exemplo de resistência popular. O sebastianismo*, ob. cit., pp. 25-26.

(5) *Idem*, p. 24.

(6) V. Jacinto do Prado Coelho, "Profetismo Sebastianista", in *Dicionário da Literatura Portuguesa Galega e Brasileira*.

(7) Lúcio de Azevedo, ob. cit., p. 57.

principalmente do Padre Antonio Vieira ⁽⁸⁾, o sebastianismo é defendido com ductilidade suficiente para identificar o Encoberto com as figuras de D. João IV, D. Afonso VI, D. Pedro II e D. João V. Surge uma literatura político-messiânica em que espíritos esclarecidos forcejaram para fazer crer que a Restauração era a realidade das profecias ⁽⁹⁾.

Vieira, para se defender do Tribunal da Inquisição, argumentou com este facto, que conduziu o sebastianismo a sair da clandestinidade e permitiu a livre circulação das trovas do Bandarra ⁽¹⁰⁾.

Embora com efeito mais transitório, os prognósticos sobre o Encoberto caíram sobre personagens menos marcantes do pós-Restauração quando já era patente que as esperanças da primeira hora se não realizavam. Aconteceu com o infante D. Duarte em 1648, ⁽¹¹⁾ com um herói desconhecido das guerras da Itália em 1659, ⁽¹²⁾ e, finalmente, com D. João de Áustria em 1661 ⁽¹³⁾.

Paralelamente com as trovas, verdadeiro catecismo da crença, surgiram toda uma série de especulações que os sebastianistas atribuíam a individualidades de tempos remotos, algumas criadas só na imaginação — santos, religiosos, visionários, profetas e astrólogos, além de numerosos anónimos ⁽¹⁴⁾. Teixeira de Aragão, como curiosidade, refere que "até a filha de Priamo, morto na destruição de Troia, não deixou de profetizar a vinda de el-rei D. Sebastião" ⁽¹⁵⁾.

⁽⁸⁾ O profetismo de Vieira concretiza-se através de numerosas cartas, sermões, e das obras *Esperança de Portugal, Quinto Império do mundo, História do Futuro e Clavis Prophetarum*.

⁽⁹⁾ António de Sousa Macedo (*Lusitânia Liberata*); Nicolau Monteiro (*Vox Turturis*); Pontalão Rodrigues Pacheco (*Manifesto do Reino de Portugal*); Luiz Marinho de Azevedo (*El Principe Encubierto*); Femão Homem de Figueiredo — Frei Manuel Homem (*Ressurreição de Portugal*); João Salgado de Araújo (*Marte Português*); Pedro de Sousa Pereira (*Maior Triunfo da Monarquia Lusitana*); António Pais Viegas (*Manifesto do Reino de Portugal*); Gregorio de Almeida — Padre João de Vasconcelos (*Restauração de Portugal Prodígiosa*), para além de numerosos pregadores e da nova publicação das Trovas do Bandarra por Vasco Luís da Gama.

⁽¹⁰⁾ Cf. Padre António Vieira, *Obras Escolhidas*, Lisboa, Sá da Costa, 1952, vol. VI, p.138.

⁽¹¹⁾ B.N.L., Ms. cod. 1748, *Correspondência de Francisco Sousa Coutinho*.

⁽¹²⁾ Cf. Lúcio de Azevedo, *ob. cit.*, p. 88.

⁽¹³⁾ B.N.L., Ms. cod. 863, fl. 605 v.

⁽¹⁴⁾ V. BGUC, Ms. 335, 393 e 1584.

⁽¹⁵⁾ Teixeira de Aragão, *Diabruras, Santidades e Prophecias*, Lisboa, Vega, s. d.

António de Sousa Macedo, culto diplomata habituado a viver nas cortes, para legitimar a nova monarquia perante a opinião europeia, não hesita em recorrer a todo um conjunto de vaticínios tradicionais, a previsões suspeitas, de numerosos videntes, casos maravilhosos e prodígios vários ⁽¹⁶⁾.

Lúcio de Azevedo refere que "no séc. XVII a credulidade vestia as roupagens da ciência — teologia, cabala, astronomia (astrologia?) (...) O que depois se agregou ao primitivo cabedal das profecias é o máximo a que poderia rastejar a bronca ignorância dos crentes e a boçalidade dos inventores. Depois de 1820 há ainda quem se ocupe de derrotar o sebastianismo fazendo aparecer o Egrégio Encoberto na pessoa de D. João VI, ao regressar do Brasil" ⁽¹⁷⁾.

A presença das chamadas "ciências esotéricas" em numerosas fontes sebastianistas dos séculos XVII e XVIII está perfeitamente detectada e pensamos que este facto se deve à necessidade de uma fundamentação teórica, um apoio sedutor e rigoroso para uma crença que os espíritos mais ilustrados consideravam perfeitamente irracional.

Uma substancial parte dos prognósticos era retirado do Antigo Testamento e Bandarra afirma-o nas suas trovas ⁽¹⁸⁾. Os elementos bíblicos, no sentido e na linguagem, das trovas, proporcionaram a sua aceitação por parte dos cristãos-novos e até mesmo uma certa identificação do Encoberto com o Messias ⁽¹⁹⁾. Se a tradição milenarista-joaquimita do Encoberto veio de Espanha, também não nos parece demasiadamente arriscado afirmar que já incorporava a esperança judaica. Nas revoltas de Valência, em 1532, o líder da sublevação, judeu, e seus sucessores, intitulavam-se o Encoberto redivivo ⁽²⁰⁾; por outro lado, a cabala, doutrina mística e esotérica hebraica, está bem presente em Espanha desde a escola de Abraão ben Samuel Abulafia, cujo cabalismo profético teve continuadores ao longo do séc. XIV (Abraão Gikatila) e exerceu influência no pensamento filosófico renascentista ⁽²¹⁾.

⁽¹⁶⁾ António Sousa Macedo, *Lusitania Liberata*, apêndice.

⁽¹⁷⁾ Lúcio de Azevedo, *ob. cit.*, p. 113.

⁽¹⁸⁾ Cf. *Profecias do Bandarra*, Vega, 1984, Estrofe CVIII.

⁽¹⁹⁾ Cf. D. João de Castro, *Parafrase e Concordância de algumas Profecias de Bandarra, sapateiro de Trancoso*, Porto, 1901, fl. 76.

⁽²⁰⁾ Cf. Sampaio Bruno, *O Encoberto*, Porto, 1904, p. 197 ss.

⁽²¹⁾ V. O Scholem, *Les grands Courants de la Mystique juive*, Payot, Paris, 1977; Frances A. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, Univ. Chicago, 1964.

O crescimento e difusão do Messianismo judaico iria ter grandes repercussões como Teófilo Braga salienta "o gosto e a forma das profecias Portuguesas do século XVI deve considerar-se como uma influência da cabala conservada entre os cristãos-novos: a Gematria, quarto ramo da Kabala era a mais empregada, considerando-se as letras como números. Nas profecias de Bandarra há esse systema" (22).

Os prognósticos com fundamento na Cabala e sobre a vinda do Messias, eram frequentes e contemporâneos de Bandarra. São os casos de Isaac Abravanel que anunciava para 1503 a chegada do redentor prometido, Diogo Pires ou Salomão Molco, discípulo do célebre David Rubeni que, por cálculos cabalísticos, interpretava o apocalipse no sentido da chegada do quinto e último império, bem como do próprio Messias para 1540 (23).

As trovas, que se tornaram numa verdadeira Bíblia sebastianista, foram reproduzidas parcialmente e mencionadas em muitos manuscritos dos sécs. XVII e XVIII e também impressas várias vezes até ao século XX. Esta enorme expansão e importância veio inevitavelmente a influenciar outros vaticínios da crença, que não hesitavam em assumir características herméticas, perscrutando o sentido cabalístico da Sagrada Escritura de modo a atingir uma revelação superior, reservada aos iniciados.

Procurava-se, por exemplo, o sentido cabalístico do nome Sebastianus — "é também o nome Sebastianus em si perfeito e completo por toda a regra da arismética a que os Hebreus chamam Cabala (...) Por este modo que as primeiras dez letras contém por unidade, outras dez por dezenas, e as outras que sobejam no abecedário contam por centenas (...) vamos agora ao nome Sebastianus que tomado por cabala faz o número de 628, tirando-lhe os nove, ficam sete número mais perfeito e completo de todos os números em cuja perfeição gastam os Autores muitas páginas (...) Deus depois de seis dias descansou. Os homens depois de seis milírios ou idades do mundo descansaram na sétima idade se é que se pode chamar idade aquilo que é eternidade (...) contudo este tal número (sete) é mais próprio do nome Sebastianus que de nenhum outro; basta por prova sua mesma etimologia; no lexicon do Prapias Litera 'S'se acham estas palavras 'Sebá id est septem quod fixum est', diz que a palavra Sebá

(22) Teófilo Braga, *O Povo Português e os seus Costumes, Crenças e Tradições*, Lisboa, 1885-1886, vol. II, p. 243.

(23) Cf. Lúcio Azevedo, *ob. cit.*, pp 23-25.

significa sete na língua latina, donde vimos a concluir que sendo o número sete o mais perfeito de todos, sendo Sebá a raiz do nome Sebastianus conserva este vocábulo em si toda a perfeição. Em Sebastião se cumprirão as profecias" (24).

Também se tomam evidentes, no contexto da crença sebástica, certas coincidências entre as datas prognosticadas pela cabala, para a vinda do Messias judaico e as datas vaticinadas pelos cristãos, para a chegada do Encoberto. No período que se seguiu ao golpe de estado de D. Afonso VI, à crise nacional, correspondia novo surto de messianismo judaico, que esperava o Messias, pela interpretação cabalística do Apocalipse, para o ano de 1666 — "que aquele que tem inteligência conte o número da besta, porque é um número de homem, e é o número 666" (25).

O padre António Vieira confirma o prognóstico para 1666 — "Aqui chegam agora uns padres de Itália, e dizem que para o ano que vem (1666) se esperam lá grandes mudanças no mundo (...) o céu e a terra parece começam a solenizar as vésperas e expectação do ano de 66 (...) Chama Bandarra a esta era a era dos seis por entrarem nela duas vezes seis, 660, e na era de 666 por entrarem nela três vezes seis, número muito notável e mui notado no Apocalipse" (26).

Vieira cita Bandarra, pois, efectivamente, encontram-se nas trovas referências ao seis da interpretação cabalística do Apocalipse:

"O Rei novo é escolhido
e elegido...
e nestes seis
vereis coisas de espantar" (27).
"E depois de eles entrarem
Tudo será já sabido,
Aqueles que aos seis chegarem,
Terão quanto desejarem
E um só Deus será conhecido" (28).

(24) BGUC, Ms. 393, s. d., sem Autor. Letra igual à de outros manuscritos sebastianistas dos finais do século XVII.

(25) Cap. XIII, 18.

(26) Citações de Vieira in Lúcio Azevedo, *ob. cit.*, pp 89-90.

(27) *Profecias do Bandarra, sapateiro de Trancoso*, Vega, 1984 sonho segundo, C,p. 71.

(28) *idem*, sonho terceiro, CXXXII, p. 82.

No entanto, Vieira considera impostoras e fingidas as esperanças judaicas na chegada do Messias para 1666 e refere que "neste mesmo ano é que os sebastianistas com todas as forças dos seus desejos esperavam pelo seu Encoberto" (29).

Durante grande parte da Idade Moderna, o conhecimento dos princípios básicos de astrologia, fazia parte do universo cultural de todo o homem civilizado (30). A "ciência" ou arte astrológica, enquanto capacidade de previsão ou adivinhação do futuro, serviu de suporte erudito quer ao sebastianismo tradicional, quer ao sebastianismo aristocrata da Restauração.

Lúcio de Azevedo, interpretando a intervenção de Bocarro Francez na renovação da crença, refere — "aqui a ciência punha-se de acordo com o prodígio, mas, porque falava em nome da razão iluminada, cumpria-lhe corrigir os erros em que laborava a simples fé. Dizia ele que, como sebastianista, acreditava não ter o soberano perecido na batalha.

Rei temos nele, assegurava, não porém em pessoa, mas no sangue da sua raça" (31).

Para aqueles que adivinhavam o futuro do mundo pelas regras complexas da astrologia, as suas predições não se afastavam das profecias de Bandarra e encontravam nas suas conclusões a confirmação de um futuro de Portugal tal como os sebastianistas esperavam.

O teólogo, filósofo e astrólogo, António Paes Ferraz no *Discurso astrológico das influências da maior conjunção de Júpiter e Marte que sucederá neste ano de 1660, observada e calculada para o meridiano desta corte, cabeça de Portugal*, previa, através da astrologia judiciária, que o Rei D. Afonso VI cumpriria as promessas concebidas pelos sebastianistas — "A segunda razão é tratar das glórias, felicidades e exaltação do Império Lusitano não só prometido por Cristo ao primeiro ascendente de V. Majestade (...) e por profecias de varões santos e virtuosos, mas ainda conjecturado das influências das conjunções dos Planetas Superiores (...) favoreça V. Majestade com a sua real grandeza estes felizes anúncios aplicados com a pena e o estudo deste seu vassalo" (32).

(29) BNL, Ms. cod. 863, fl. 601.

(30) V. Keith Thomas, *Religion and the Decline of Magic*, Penguin Books, 1973.

(31) Lúcio Azevedo, *ob. cit.*, pp. 54,55.

(32) *Miscelâneas*, vol. 140, nº 2.599.

Multiplicam-se as referências à utilização da astrologia nos prognósticos sebastianistas. No *Jardim Ameno*, compilação manuscrita do séc. XVII, pode ler-se "Profecias, revelações e muitos santos e santos religiosos e servas de Deus, varões ilustres e Astrólogos eminentíssimos, que iluminados pelo espírito Santo, escrevem sobre a duração do reino de Portugal a Deo Dato, com sublimação à Dignidade Imperial no Encoberto das Espanhas e Monarquia Universal e última do mundo" e ainda, "sinais que apareceram desde o ano de 1558 até ao ano de 1640 em diversas partes do mundo, no céu e cidades dele" (33), onde cometas, eclipses e conjunções de planetas prognosticam a próxima chegada do Encoberto.

Verdadeiras listagens de vaticínios atribuídos a "santos, profetas e astrólogos" (34) aparecem em manuscritos dos séculos XVII e XVIII, tendo, grande parte deles, sido interpretados num sentido favorável e adaptado à crença. A previsão de acontecimentos celestes, como eclipses (35), conjunções de planetas (36), questões meteorológicas, determinavam, por associação, momentos precisos para a concretização das profecias — "por juízo e prognóstico dos efeitos naturais (...) se faça extensão dos sucessos futuros das monarquias, podendo falar-se de horóscopo e ponto fixo do seu princípio e acertar o auge a que pode chegar a sua grandeza (...) assim se prognostica o fim da intrusão de Filipe II Rei de Castela neste de Portugal (...) e ficar sujeitos à Monarquia Portuguesa que há-de ser a última" (37).

Se as infiltrações da astrologia nos prognósticos sebastianistas são por demais evidentes, outros fragmentos herméticos onde se manifestam outras disciplinas filosófico-teosóficas, são escassos e de difícil penetração. A alquimia, talvez por necessitar de um mapa do céu favorável às suas realizações, é utilizada nos *Anacephaleoses* de Bocarro — "é no primeiro anacephaleoses (que intitulo estado astrológico e dedico a Sua Majestade, como o senhor desta Monarquia) mostro astrológicamente como em Portugal há-de ser a última e mais poderosa monarquia do mundo (...) e toco na Pedra Filosofal pela qual se convertem todos os metais em ouro (...) A pedra é medicina tal que as perigosas enfermidades cura os relutantes por oculta virtude

(33) *BNUMs.cod.177.*

BGUC, Ms. 480 e 1584.

(35) *BGUC, Ms. 581.*

(36) *BGUC, Ms. 335.*

(37) *BGUC, Ms. 601.*

em tudo plena, melhor do que Galeno e que Avicena, a gente que perdeu fatal sebasto, (...) cometas pelo Olimpo coruscantes, prognosticaram a fatal ruína" (38).

Anselmo Caetano Munhoz de Abreu Gusmão e Castelo Branco, a propósito das *Conferências Discretas e Eruditas*, promovidas pelo 4º conde da Ericeira, refere que este, D. Francisco Xavier de Menezes, afirmou na sua presença, ser a Pedra Filosofal o sebastianismo da Filosofia, "porque todos os homens de grande juízo são crisopeios, assim como os heróis de grande entendimento são sebastianistas (...) estão discretamente comparados os Sebastianistas, com os Herméticos" (39).

Quer nas Trovas de Bandarra, quer em muitas profecias (sobretudo de anónimos) ligadas à crença sebastica, nota-se um hermetismo que encontra paralelo em Nostradamus (afinal, contemporâneo do Bandarra), médico, alquimista e astrólogo que continua ainda hoje a ser comentado e decifrado (40).

Estamos convictos que a análise cuidada de obras como *A Pheniz de Portugal Prodigiosa...*, de Luis Nunes Tinoco, *Número Vocal, Exemplar, Catholico e Político...*, de Sebastião Pacheco Varela, o conjunto de trabalhos de Anselmo Caetano Munhoz de A. G. e Castelo Branco, trará novos desenvolvimentos à interpenetração do milenarismo sebastianista com fragmentos herméticos, no período maneirista-barroco.

3. Referimos a doutrina profética milenarista-joaquimita e a sua difusão em Portugal através do sebastianismo, corrente que levou à produção de prognósticos durante toda a Idade Moderna.

Procurámos mostrar, nessas previsões, uma frequente interligação entre o sebastianismo e as "ciências" ditas esotéricas; essa associação verifica-se muito íntima desde os inícios do século XVII, como prolongamento dos acontecimentos dramáticos vividos nos finais do século anterior, e estende-se em decrescendo até quase finais do século XVIII, primeiro numa simbiose perfeita entre "ciência e

(38) BGUC, Ms. 2599, fls. 14 e 15.

(39) *Ennoea ou Aplicação do Entendimento sobre a Pedra Filosofal, seguido de outras obras*, Mafra, 1987, p. 174.

(40) V. Serge Hutin, *As profecias de Nostradamus*, Europa América, 1981; Jean Charles de Fontbrune, *Nostradamus historien et prophète*, Monaco, Edition du Rocher, 1980.

superstição", depois por caminhos cada vez mais diferenciados devido, principalmente, aos imperativos da razão.

Com efeito, a perda da independência, os movimentos que levaram à Restauração, as mutações económico-sociais, a inquietude da guerra com a Espanha, foram acontecimentos que levaram a um recrudescimento das profecias joaquimitas, que, elaboradas nos conventos, serviam para excitar o povo como uma técnica de captação e propaganda ⁽⁴¹⁾. Esse dinamismo messiânico foi aproveitado por parte do novo poder estabelecido para justificar e reforçar esse mesmo poder, evitar o perigo divisionista e promover a submissão. Com excepção do momento da Restauração, em 1640, não se pode colocar o problema do sebastianismo ao nível dos aparelhos do estado, do poder político, pois "o fenómeno profético e messiânico existe com anterioridade, denunciando um estado de espírito, uma mentalidade, uma representação crítica da vida colectiva que não se pode ligar de imediato a qualquer objectivo político, seja revolucionário seja reaccionário" ⁽⁴²⁾. Sobre as referências ao "sobrenatural" nas sociedades culturalmente religiosas e a impossibilidade de construir uma consciência colectiva fora da religião, Veiga Torres refere que "este fenómeno pode ser constatado na colectividade nacional portuguesa ao longo do seu tempo histórico, e o sebastianismo mostra-nos que a sociedade portuguesa, ao nível social onde o sebastianismo se produziu e sobreviveu, era uma sociedade que não se compreendia colectivamente senão como uma sociedade religiosa, onde a consciência política era essencialmente uma consciência exigindo um certo comportamento religioso" ⁽⁴³⁾.

Francisco Manuel de Melo assegura-nos com o seu testemunho que, antes da Restauração, o número de sebastianistas aumentava em proporção do descontentamento geral ⁽⁴⁴⁾ e, que, em 1637, o profetismo sebastianista teve um papel relevante pela palavra ardorosa dos oradores jesuítas, sustentada pelas "sentenças dos santos, os oráculos dos profetas e o juízo dos Astrólogos" ⁽⁴⁵⁾.

Circulava, assim, em Portugal uma vastíssima quantidade de

⁽⁴¹⁾ V. José António Maravall, *Las comunidades de Castella, Madrid, Revista del Occidente*, 1970.

⁽⁴²⁾ José Alberto Veiga Torres, *Fonction et signification sociologique, ob. cit.*, vol. I, p. 254.

H *Idem*, vol. II, p. 386.

⁽⁴⁴⁾ Citado por Lúcio de Azevedo em *A evolução do sebastianismo*, p. 67.

⁽⁴⁵⁾ F. Manuel de Melo, *Alterações de Évora, Lisboa, Portugalia*, 1967, p. 36.

prognósticos sebastianistas que, visando uma esperança no futuro, viviam a expectativa de acontecimentos decisivos, quer com o sonho de reforma do mundo através de D. Sebastião, quer com a sede de independência e de autonomia política. Tanto na corrente sebastianista pura, ou seja joaquimita, como na versão aristocrática da Restauração, encontramos prognósticos profundamente enredados com a teoria astrológica das grandes conjunções. Esta constatação afigura-se-nos importante, porque outros autores apenas apresentaram hipóteses pouco conclusivas, acerca de uma possível ligação entre o profetismo joaquimita e a teoria das conjunções. Eugênio Garin diz que "as influências recíprocas precisas devem ainda ser examinadas a fundo" (46), e Patrick Curry refere que na Inglaterra "os almanaques dos finais do século XVIII certamente discutiram e disseminaram as ideias milenaristas" (47). Situa-se aqui o fulcro do nosso interesse.

Esta teoria espalhada no Ocidente pelas obras dos astrólogos árabes, Alkindi e Albumasar, pretende uma ligação estreita entre alguns fenómenos celestes, como as recíprocas posições de planetas, e as grandes mudanças na história da humanidade. "Crises históricas decisivas, tais como mudanças de hegemonia de povos e civilizações, o advento ou o declínio de religiões, a afirmação e a derrocada de reinos e impérios: tudo isto seria medido segundo os movimentos do relógio celeste. Nos céus, nas 'danças' dos astros, nos seus encontros, seriam descritas as épocas da história dos homens" (48).

Genericamente, Bocarro Francez refere que "cinco coisas extrínsecas são as que trazem os astrólogos sobre a mudança dos impérios (...) a primeira é as conjunções dos planetas superiores Saturno e Júpiter, as mudanças dos auges dos planetas e principalmente do Sol, a obliquidade do Zodíaco, o orbe magno (...) As conjunções máximas se fazem em signo de fogo (...) e estas causam na forma declarada as maiores mudanças do mundo, conforme a calculação astrológica que mostra, que todas as grandes mudanças que nele move foram nestas conjunções" (49).

(46) Eugênio Garin, *O Zodíaco da Vida — a polémica sobre a astrologia do séc. XIV ao séc. XVI*, Edit. Estampa, 1988, p. 33.

(47) Patrick Curry, *Prophecy and Power, astrology in Early Modern England*, Oxford Polity Press, 1989, p. 117.

(48) Eugênio Garin, *ob. cit.*, p. 33.

(49) BGUC, Ms. 1599, *Anacephaleoses da Monarquia Lusitana pelo Doutor Manuel Bocarro Francez, cópia à mão de D. Pedro da Encarnação, bibliotecário de Sta Cruz de Coimbra, Lisboa, ano de 1624.*

No *Discurso que o doutor Manuel Bocarro Médico, Filósofo e Mathematico Lusitano, fez sobre a conjunção máxima, que se celebrou no anno de 1603, 31 de Dezembro* ⁽⁵⁰⁾, o autor elabora a sua interpretação sobre a conjunção máxima de Saturno e Júpiter "em 10 graus e 26 minutos de Sagitário, signo que domina em Castela, e se faz na 10 casa, que é de Reis, e Reinos, estando precisamente em rigor geométrico perpendicular a Lisboa, por onde lhe denota exaltação" ⁽⁵¹⁾ e concretiza o prognóstico "assim ao Império Romano seguiu-se a Monarquia Maometana e se pode conjecturar que se há-de levantar a última e mais poderosa Monarquia que provarei ser Lusitana (...) Além das razões astrológicas por donde se conjectura que o Império Lusitano se há-de levantar com Suprema Monarquia (...) acho alguns vaticínios proféticos que varões santos e pios deixaram escrito sobre este particular" ⁽⁵²⁾. Esta previsão pré-restauracionista, joaquimita e conjuncionista visava, como atrás foi dito ⁽⁵³⁾, o derrube do domínio filipino e a ascensão de D. Teodósio, duque de Bragança.

A mesma conjunção máxima de 1603, serviu para um autor anónimo do século XVII formular um prognóstico, em 1654, de carácter joaquimita-sebastianista puro, onde antevia "que sairia das partes mais ocidentais um príncipe que se intitularia Rei dos Cristãos, de um reino o mais pequeno e menos poderoso do mundo que Deus escolheria para destruição do Turco. O qual Rei, Deus escolheria para esta empresa sendo o menos poderoso para mostrar que obrava nele o poder divino, não o braço humano; Ele faria liga com os príncipes católicos e destruiria o Turco. Nele principiaria novo Império e o do Turco acabaria. Pergunta-se logo em que tempo tinham complemento estas profecias. Responde a profecia que da era de 1645 até à de 1660 se veriam cumpridas, porque durante estes quinze anos continuarão os efeitos da conjunção máxima" ⁽⁵⁴⁾.

Outra previsão de tipologia similar mas referente a uma con-

⁽⁵⁰⁾ BGUC, Ms. 103.

⁽⁵¹⁾ *Idem* ou Manuel Bocarro Francez, *Anacephaleoses da Monarquia Lusitana, 1624 com todas as licenças necessárias por António Alvarez*, pp. 44-45.

⁽⁵²⁾ *Idem*, p. 46 ss.

⁽⁵³⁾ V. p. 6 deste trabalho.

⁽⁵⁴⁾ BGUC, Ms. 335, Carta de António de S. Bernardino relativa a uma profecia sobre o Império Turco, 21 de Julho de 1654, fl. 857. O manuscrito contém outras profecias.

junção máxima do ano de 1623, afirma que "estiveram juntos nos seis graus e trinta e cinco minutos de Leão os dois superiores — Saturno e Júpiter (...) dizem os autores que têm experimentado o que por estas referem, nova gente e um grande nome se fortificará sobre a gente (...) um novo Rei e uma nova gente irão dominar o Mediterrâneo dos tártaros no ano de 1625" (55). O autor, anónimo, tece considerações de natureza astrológica, para justificar as alterações políticas que se irão produzir, apoiando-se em autoridades consagradas como Ptolomeu e Albumasar.

Para além do seu carácter político-religioso tradicional, estes prognósticos assimilam também, dentro da teoria das conjunções, o chamado horóscopo das religiões que lhe é intrínseco — "querem os filósofos que Júpiter na sua conjugação com os outros planetas signifique religiões e fé. E dado que são seis os planetas com que pode conjugar-se, sustém que seis devem ser no mundo as religiões principais (...) Se se conjuga com Saturno, significa os livros sagrados, isto é, o Judaísmo, que é a mais antiga que as outras seitas, como Saturno é o pai dos planetas (...) Se Júpiter se conjuga com Marte, dizem que significa a 'lei' caldaica, que ensina a adorar o fogo (...) Se for com o Sol, significa a 'lei' egípcia, que quer que se adore a milícia celeste, de que o Sol é o senhor. Se for com Vénus, dizem que significa a 'lei' dos Sarracenos, que é completamente voluptuosa e venérea (...) Se for com Mercúrio, a lei mercurial que é a cristã (...) até que venha perturbá-la, última, a 'lei' da Lua, que é a seita do Anticristo" (56). Assim, depois da ascensão e domínio da religião islâmica, deverá sobrepor-se-lhe a cristã, na qual um guerreiro santo, depois de esmagar as forças malélicas e demoníacas, deverá liderar o seu povo na direcção do Reino dos Santos, do Evangelho Eterno.

Já na segunda metade do século XVII, o filósofo e matemático António Paes Ferraz, escreve um prognóstico, que ele próprio intitula de discurso astrológico, em que, visando fins políticos imediatos — apresentar D. Afonso VI como a concretização das esperanças sebastianistas, num período de instabilidade em que o Conde de Castelo Melhor ultimava o "golpe de palácio" que terminou com a

(55) BGUC, Ms. 155, Juízo da conjunção Magna de Júpiter e Saturno, feita aos dezanove de Julho às cinco horas da manhã do Ano de 1623, para o meridiano dos Tártaros (incompleto), fl. 52 ss.

(56) Lynn Thorndike, *A History of Magic and Experimental Science*, Columbia University Press, 1958, vol. IV p. 105 ss.; V. Pierre Duhem, *Le système du monde*, VIII, Paris, Hermann, 1958, pp. 347-442.

regência de D. Luisa de Gusmão — mostra a força e a implantação da doutrina astrológica judiciária em meios eruditos, constituindo a mais fecunda utilização e profundo conhecimento da teoria das conjunções, face à corrente profética nacional. O autor tem a preocupação de vincar o estatuto de "ciência", relativamente à astrologia, "ciência que só compete aos grandes príncipes, pois é a mais nobre de todas as que têm por objecto o Material". Retira-lhe conotações religiosas, defendendo-se, ao mesmo tempo, com a nomeação de figuras da Igreja que a utilizaram com "tanta estima". Refere que "o senhor D. Manuel Rei de Portugal que por esta ciência senhoreou as partes do Oriente e Ocidente" e que "nesta altura prosseguia o mais sábio por estrela, o sereníssimo príncipe D. Teodósio que Deus tem em glória, irmão de vossa majestade" (57). Desenvolve, de seguida, o corpo teórico da teoria das conjunções — "Os planetas errantes são sete, convém a saber, começando de cima para baixo Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio e a Lua. Destes sete, os três, a que chamamos superiores, são Saturno, Júpiter e Marte porque estão acima do Sol. Destes planetas se formam certos congressos ou conjunções, cujos nomes são conjunção Máxima, Maior e Magna. Alguns dão quatro conjunções a saber, Máxima, Maior, Média ou Magna (...) A máxima é a que se faz de dois planetas, qualquer dos Superiores em algum dos 4 signos cardeais, como sucedeu no ano de 1453 em que o Turco alcançou o Império de Constantinopla, que se faz de Júpiter e Marte em Capricórnio. A maior é a que sucede de dois destes planetas em qualquer signos fixos e sucedentes aos cardeais; e este influi sobre monarquias, que dominam reinos, que lograram Reis naturais. A conjunção magna é a que se faz dos ditos planetas em qualquer dos signos cadentes, e a sua influência é sobre reinados e potentados". Pela sucessão de conjunções que implicam mudança, são justificados alguns acontecimentos políticos, como a morte do Cardeal D. Henrique em 1580, a subida ao trono de Filipe I, a aclamação de D. João IV e, especificamente, pela conjunção de 1660, o autor concretiza a sua previsão — "Assim como Marte influiu guerras no espaço dos 20 anos passados, também Júpiter nos influi daqui por diante não só sossego nas armas, mas ainda pazes com os maiores inimigos nossos

(57) Curiosamente, no Ms. 335 — BGUC — surgem várias poesias em português e latim, por ocasião da morte do príncipe D. Teodósio, da autoria do jesuíta Padre Pantaleão Rangel. Numa delas, entre vários títulos encomiásticos, aparece o de Máximo Astrólogo.

(...) todas estas boas influências logrará este Reino de Portugal por espaço de 30 anos; será abundante, feliz, rico e pomposo; seus naturais bem afortunados, descansados gozarão felicidades, haverá boas navegações (...) as terras serão férteis e abundantes em seus frutos (...) os comércios felizes (...) o princípio das abundâncias será o ano de 1663 em que os mais dos príncipes da Europa estarão em paz com este Reino e ainda o maior inimigo nosso (...) estes finais e conjecturas são indícios e prognósticos de grandes felicidades, aumentos e exaltação deste Reino de Cristo, no domínio da Real pessoa de S. Majestade e da Rainha Nossa Senhora que veja e logre todas estas felicidades na vida do seu muito amado filho, Rei e Senhor nosso" (58).

As conjunções planetárias continuaram a influenciar os prognósticos astrológicos, embora em decrescendo a partir dos finais do século XVII; julgamos, também, que o seu estreito relacionamento com a doutrina joaquimita-sebastianista se desvaneceu completamente ao longo do século XVIII, na medida em que os novos parâmetros de racionalidade se impunham.

No exterior desta fecunda relação, outras previsões de raiz astrológica circulavam no conturbado Portugal de seiscentos. Fenómenos celestes, os chamados "sinais do céu" eram utilizados pelos astrólogos em contextos políticos fundamentais: — a perda da independência, o domínio estrangeiro, a Restauração, a consolidação da nova dinastia.

Novamente, Bocarro, adverte para o reconhecimento dos sinais astrológicos: "Eminente perigo seguido de si mesmo atente-se o naufrágio próximo passado. Aí Lusitania não fizeste caso do aviso, que talvez fala o céu por línguas de meteoros, por boca de pecadores: escolher os tempos e temer a Deus, fugir do que ameaçavam os astros, conhecer a sua causa" (59).

O desastre de Alcácer-Quibir é justificado, posteriormente, pelo aparecimento de estrelas, cometas, eclipses, surgindo, depois, novos

(58) BGUC, *Miscelâneas* 2.599, vol. 140 *Discurso astrológico das influências da maior conjunção de Júpiter e Marte que sucederá neste ano de 1660 de 8 de Agosto. Observada e calculada para o Meridiano desta corte, cabeça de Portugal. Nele se trata da exaltação de Portugal, dos princípios do seu Império e de suas felicidades. Oferecido ao mui alto e poderoso monarca de Portugal D. Afonso VIN-S por António Paes Ferraz, Theólogo, Philosopho e Astrólogo, natural da mesma corte, Lisboa, por Domingos Carneiro, 1662.*

(59) BGUC, Ms. 506, Aforismo XIII.

sinais que vão prognosticar o derrube do domínio Castelhana e justificar o movimento restaurador. Ainda depois de 1669 se afirmava "apareceu na praia junto ao forte poucos dias antes a infeliz jornada de Africa, um grande peixe espada que do mar lançou a terra como aviso: numa parte tinha esculpido um azorrague e açoite, na outra muito ao claro a era de 1578 tempo em que deu princípio a satisfação das nossas culpas" e o aparecimento de uma estrela extraordinária em 6 de Outubro de 1604 "começou a aparecer uma estrela nova, nunca vista, que durou até ao 29 de Novembro que foi coisa de que se admirarem mais os matemáticos do que quantos sinais até então tinham visto, e começou a desaparecer pelo poente de frente da barra de Lisboa" ⁽⁶⁰⁾. Aqui aparece um elemento novo — o prodígio que, juntamente com o milagrismo, vão ser frequentemente utilizados nos sécs. XVII e XVIII, se bem que com fins políticos e religiosos, também com sentido de previsão do futuro. O milagre de Ourique e a sua consagração oficial nas Actas das Cortes de Lamego, revela uma história nacional próximo da epopeia e do providencialismo miraculoso, exemplo maior de uma verdadeira onda de milagres e prodígios, cuja receptividade, neste período, é sintoma de subsistência de "formas de mentalidade mágica que não se podem confundir, de qualquer maneira, com o misticismo e que se podem encontrar por toda a Europa" ⁽⁶¹⁾.

A observação periódica de cometas, o mistério da sua origem e constituição, cedo levou os homens ao receio e à atribuição de estranhas significações. Em 1615, é bem revelador o tratado de Frei Martinho de S. Paulo, organizado pelo seu sobrinho, João de Araújo Sardinha, em que o autor integra as influências nefastas dos cometas, quer na astrologia natural, quer na judiciária. Depois da referência ao cometa do ano de 1577 "o qual se fez junto do pé direito do Setentrião e feneceu na constelação de Pegazo, a quem se seguiu logo a morte de El-Rei D. Sebastião (...) em África, com destruição do seu exército, e cativo do Reino Português na Coroa de Castela", Frei Martinho mostra, de um modo completo, muito do que o aparecimento dum cometa pode prognosticar — "grandes mudanças e alvoroços, discensões e calamidades (...) causas mortes de Reis, principes e sábios

⁽⁶⁰⁾ BGUC, Ms. 156, *Notícias de vários sucessos acontecidos (na maior parte de Portugal e Lisboa) desde o ano de 1582 até ao de 1627 e ainda 1667 e 1669*, fl. 71 e ss.

⁽⁶¹⁾ José António Maravall, *La Cultura del Barroco*, 2ª ed., Ariel, 1980, p. 43.

(...) motins, alvoroços, levantamentos, feitos horrendos e espantosos (...) no Verão — esterilidade (...) no Inverno — leis e costumes novos (...) cometa em tempo de eclipse — destruição de algum reino, império ou província (...) cometa em tempo das conjunções de Saturno, Júpiter e Marte — males duráveis, dissídios e devastações (...) cometa de tarde — enfermidades, esterilidades, terremotos e inundações (...) a natureza dos efeitos se pode conhecer pelos planetas, signos e estrelas com quem se junta o cometa (...) poucas vezes se viu que depois se não seguisse morte de príncipes e outras muitas mortes, pestes, guerras, ruínas de cidades e reinos" (62).

Dos inúmeros prognósticos seiscentistas sobre cometas que observámos, vamos apenas mencionar três, quer pelo seu discurso menos repetitivo, quer pelo facto de, dois deles, no mesmo ano, utilizarem as mesmas premissas, isto é, os dois cometas observados no mês de Novembro de 1618. O terceiro reporta-se já aos finais do século.

Pedro Mexia, matemático residente em Lisboa, explica que os cometas procedem de exalações da Terra e que os seus efeitos são da vontade de Deus — "Deus Nosso Senhor é tão misericordioso para o género humano que sempre que nos quer enviar algumas aflições e trabalhos devido aos nossos pecados, previne-nos com sinais". Depois de exemplificar o poder dos cometas com a queda do Império Grego, com a infeliz jornada de Africa e a morte de D. Sebastião "e como veio depois o catarro que tanta gente enviou para o outro mundo", Mexia, apoiando-se nas autoridades do venerável Beda, de Santo Isidoro de Sevilha, de S. João Damasceno, dos árabes Albumasar e Haly, constrói um prognóstico de "muitas guerras e divisões entre soldados para pedir aos seus superiores coisas impossíveis, muitas inflamações no ar, graves pleitos e contendas entre grandes príncipes e senhores (...) muitos danos à gente rústica". Finalmente, apresenta uma série grande de países e regiões que sofrerão danos e prognostica o fim do Império Otomano — "poderão os turcos com razão dizer que chegou o tempo de cumprir-se aquela profecia que eles têm e tanto temem, de perder-se o Império Otomano" (63).

Bocarro Francez, no seu tratado sobre os mesmos cometas de 1618, reconhece o livre arbítrio do homem, mas afirma "que também

(62) BGUC, Ms. 1029, *Curiosidades matemáticas, copiladas por João A. Sardinha no ano de 1615*, livraria do Colégio do Carmo em Coimbra.

(63) BGUC, *Miscelâneas*, nº- 12250, vol. DCCXXIII.

há nele potências naturais, órgãos corporais e sentidos, no qual não difere dos outros animais e quanto a isto está sujeito ao Sol, à Lua, às estrelas e planetas que tem próximo poder no ar e causam as mudanças deles". O astrólogo socorre-se de nomes famosos para concretizar as suas previsões (prática muito utilizada, provavelmente uma forma de iludir os inquisidores) — "Por ocupar este cometa o signo da Libra e ser gerado do malévolos Saturno, inimigo do género humano e proceder no nascimento ao Sol, denota (seg. Ptolomeu) a morte de um grande monarca das partes ocidentais, mortes extraordinárias e arrebatadas de senhores príncipes e nobres: inquietação de Reinos, mudança deles e de muitos estados (e em Espanha particularmente) como também queda de muitos poderosos e suas desprivações, e exaltações de outros e grande confusão destas e outras novidades; e por derradeiro a espiga da Virgem que é estrela benévola junto de Libra, denotaram estas calamidades fim e ver-se Espanha em sua antiga quietação e ócio. Em Itália, terra de Romanos, denota muitas guerras e civis conflitos a acabarem-se uns com os outros (...) nas partes orientais se levantarão os servos contra os seus senhores. E segundo Albumasar assina-la guerras latrocínios gravíssimos e atrozes nas partes sujeitas a Libra e Virgo e a seu triângulo (...) porque não se fará justiça em nenhum caso grave nem a Haverá com poderosos, e assim roubarão publicamente, prevalecendo os maus, que sem vergonha nenhuma cometerão insultos e roubos nunca vistos e se levantarão com as fazendas dos pobres, viúvas e órfãos (...) incitará e provocará a todos, a todo o género de fornicção e pecados abomináveis e nefandos, torpezas diabólicas e bestiais e nos ameaça com elas na nossa Europa porque publicamente nas cidades mais populosas e onde houver comércio de diferentes nações, se verão. Denota traidores e amigos fingidos, quebra de mercadores e por padecer Virgo, denota que as senhoras donzelas serão enganadas e desfloradas, pelo que nenhuma se fie em amores se não quiser ficar sem honra porque todos serão enganados (...) grandes águas e tempestades e enchentes no Tejo, nos quais se afogarão muito gado e muitas pessoas". Procurando evitar o risco do descrédito, Bocarro adverte que "isto é o que acho escrito nos autores graves, aos quais se não há-de dar fé, nem crédito, cuidando que há-de ser assim, mas muitas vezes hão acertado em seus prognósticos, por tanto não se há-de menosprezar o que eles escreveram" (64).

(64) BGUC, *Miscelâneas*, nº 5839, vol. CCCLXIII.

Apesar do tom impreciso e calamitoso, tão característico deste tipo de prognósticos, é perfeitamente visível uma intenção milenarista, traduzida pelo descontentamento popular, face à situação político-social vigente.

4. Pensamos que o cruzamento do milenarismo joaquimita com as "ciências" divinatórias se toma um fenómeno natural e é bem patente nos documentos sebastianistas dos séculos XVII e XVIII. Ambas as correntes visavam uma incursão no futuro e, se os ideais do "Encoberto" e do V Império eram uma finalidade bem definida, necessitavam, por outro lado, da credibilidade e da força que, por exemplo, a astrologia detinha na época.

A associação da teoria das conjunções astrológicas com o sebastianismo, durante o séc. XVII e princípios do séc. XVIII, bem como as inúmeras referências sebásticas em textos herméticos (cabalistas, alquimistas), constituem prova inequívoca da permanência do fenómeno profético e da longevidade das práticas esotéricas.

O dealbar do séc. XVIII trouxe, contudo, alterações que convém sublinhar. Nos textos sebastianistas verifica-se a preocupação de uma organização lógica do conjunto de profecias, que traduz uma atitude de defesa, face à agressividade de uma sociedade que racionaliza. Essas profecias são já normalmente inseridas num discurso, ou num pretenso diálogo, que procura, através do silogismo escolástico, provar que o "Encoberto" deve ser esperado. As paráfrases, as exegeses, os cálculos, continuam, mas inseridos numa falsa polémica que denuncia um certo afrontamento com uma sociedade que começa a opor a razão ao imaginário, na concepção da sua organização.

Os avanços de uma nova mentalidade, que pretendia ser científica, técnica, pedagógica, uma nova maneira de conduzir a política, um maior empenhamento na economia, uma maior aproximação do racionalismo europeu, são premissas que permitem concluir que a sociedade se afasta cada vez mais da sacralização tradicional do poder, que o absolutismo real chega ao auge e, com ele, a afirmação de que o poder político é sagrado por si e não por instâncias religiosas. Pombal vai tentar aniquilar definitivamente a "desrazão" sebastianista, associando-a aos jesuítas, como mentores de todas as superstições. Os resultados pretendidos não são alcançados — os sebastianistas verão em Pombal a confirmação das infelicidades que precedem a chegada do salvador, continuarão a resistir às ideias novas (para eles abomináveis) dos racionalistas, liberais, franco-

-mações e dos jacobinos, e continuarão a desejar sempre uma ordem social e política plenamente sacralizada e tradicionalmente arcaica.

A relação do sebastianismo com o hermetismo desvanece-se completamente, durante a segunda metade do séc. XVIII e, contrariamente à corrente milenarista de cunho nacional, que apenas se calou definitivamente, na sua forma tradicional, com a expulsão das ordens religiosas, a secularização progressiva do clero diocesano e a consolidação das instituições liberais, as "ciências" divinatórias entraram em franca decadência nas últimas décadas do séc. XVIII, através das inovações culturais que, a partir do reinado de D. João V, tiveram um efeito progressivo e, fundamentalmente, pela acção das medidas reformistas de Pombal, as quais correspondiam às exigências culturais e científicas que atravessavam a Europa e que chegavam a Portugal (ainda que com um certo atraso).